

expectativa é constitutiva e fundadora da arte e talvez seja precisamente aí que o encontro destes três artistas se dá entre si e com Júlio Pomar.

De forma diferente da de Pomar, noutro tempo e confrontando-se já com outras questões no que diz respeito ao mundo exterior e ao “alheio”, os três artistas avançam também eles com hipóteses e preposições do mundo, para o revelar na sua diversidade, estranheza, metamorfose, e eventualmente monstruosidade.

Desde cenários distópicos, inabitados ou vividos por criaturas estranhas, cada um destes artistas, na sua linguagem própria e intransmissível, partiu dos reptos que o Atelier-Museu e a obra de Júlio Pomar lhes ofereceu para, em conjunto, os cruzar num magma de relações fértil e imprevisível, onde não resistem morais ou convenções estabilizadas. Talvez se possa dizer que o conjunto da exposição resulta num manto de matérias-primas (nos diversos sentidos) que se invadem mutuamente e, em alguns momentos, avançam umas sobre as outras, miscigenando-se como os cavalos e os cavaleiros de “Mascarados de Pirenópolis”, ou figuras inusitadas de outras obras de Júlio Pomar, para posteriormente se revelar ou vir a aparecer na sua “verdade” própria (Pomar).

No decurso da exposição publicar-se-á um catálogo com textos de vários autores [edição do Atelier-Museu Júlio Pomar/Documenta] e imagens das obras instaladas no espaço.

# em MATÉRIA de MATÉRIAS-PRIMAS

Júlio Pomar André Romão Jorge Queiroz Susanne Themnitz

EXPOSIÇÃO  
Curadoria  
SARA ANTÓNIA MATOS

ATELIER-MUSEU JÚLIO POMAR  
Diretora, Curadora  
SARA ANTÓNIA MATOS

Artistas  
JÚLIO POMAR  
ANDRÉ ROMÃO  
JORGE QUEIROZ  
SUSANNE THEMLITZ

Adjunto de Direção  
PEDRO FARO

Conservação e Produção  
SARA ANTÓNIA MATOS  
PEDRO FARO  
JOANA BATEL  
RITA SALGUEIRO

Montagem  
TART  
PEDRO ALVES  
XAVIER OVÍDIO  
PAULO CUNHA

Comunicação e Assessoria de Imprensa  
GUILHERME ALCOBIA

Design  
MÁRCIA NOVAIS

Investigação  
SARA ANTÓNIA MATOS  
PEDRO FARO  
JOANA BATEL

Tradução  
RUI CASCAIS PARADA

Coordenação Editorial  
SARA ANTÓNIA MATOS

Serviços Administrativos  
ISABEL MARQUES  
TERESA CARDOSO

Serviço Educativo e Apoio  
RITA SALGUEIRO  
TERESA CARDOSO

Apoio / Parceria  
FUNDAÇÃO JÚLIO POMAR

A exposição “EM MATÉRIA DE MATÉRIAS-PRIMAS: Júlio Pomar, André Romão, Jorge Queiroz, Suzanne Thémlytz”, com curadoria de Sara Antónia Matos, dá seguimento ao programa de exposições do Atelier-Museu que, regularmente, procura cruzar a obra de Júlio Pomar com a de outros artistas, de modo a estabelecer novas relações entre a obra do pintor e a contemporaneidade.

O título adoptado para a exposição é emprestado de um texto de Júlio Pomar, escrito para o livro *Autobiografia*, a propósito da sua exposição no Sintra Museu de Arte Moderna-Colecção Berardo em 2004. Nesse texto o artista diz que as linhas que o compõem «pretendem dar a razão pela qual obras de artistas vários foram escolhidas por [si] e se mostram no meio das [suas] que, alinhadas ou desalinhadas, estão como pedras para [a] exposição»<sup>1</sup>. Invocamos aqui este excerto, porque esta exposição também resulta da reunião de obras de quatro artistas, e, em matéria de matérias-primas, também ela parece passar por um orquestrar de hipóteses para um entendimento ou desentendimento com o mundo. Como sugere Pomar, «toda a obra aponta para fora, isto é, se nutre do que ao alheio vai buscar para poder tentar uma verdade sua». Foi nesta procura de nutrir as obras do que ao alheio se vai buscar que se convidaram estes artistas a expor em conjunto no Atelier-Museu, cruzando as suas obras e matérias-primas com as de Júlio Pomar.

Naturalmente que as matérias-primas que aqui estão em causa não são apenas físicas, suportes ou ferramentas de formalização. Trata-se antes de pensar universos e, dentro destes, hipóteses ou preposições de entendimento ou desentendimento com o mundo, como refere Pomar. Como este deixa entender, nestas hipóteses ou preposições de e para com o mundo, o desacordo, a estranheza e a perturbação podem ser tão ou mais fecundas que a consensualidade. Deslizar, enveredar por territórios e matérias-primas desconhecidas, mostrar o lado avesso do mundo, para lá da sua aparência mais estabilizada, pode abrir novos modos de ver e entender a realidade.

Neste âmbito, e porque o trabalho dos três artistas convidados, de forma e em meios distintos, toca uma matéria-prima da ordem da estranheza e da inquietação, revelou-se a ocasião certa para reunir algumas obras da série de pinturas “Mascarados de Pirenópolis” realizada por Júlio Pomar em 1987–88. Este conjunto de pinturas é desencadeado a partir da observação pelo pintor da referida ocasião – Festas do Divino Espírito Santo, em Pirenópolis, no Brasil. A festa acontece nas ruas da cidade de Pirenópolis, sob a forma de «cavallhada», em que os habitantes da cidade, montados sobre um cavalo enfeitado com fitas e flores de papel colorido, carregam também eles máscaras com cornos, enfiadas nas suas cabeças, por sua vez alusivas a animais como a onça e o boi – alegorias à morte e ao diabo.

De qualquer modo, não se deve esquecer que Pomar é um pintor de histórias e, se “Mascarados de Pirenópolis” se reportam a um evento concreto, esse evento também

tem o carácter de “aparição” e de figuras fantasiosas, contornos estranhos e inquietantes. Partindo da memória do pintor, estas imagens estranhas que se movimentam na direcção do espectador desafiam a capacidade de reconhecimento. Sem pudores cromáticos, misturando pinceladas de cor, Júlio Pomar molda o espaço da tela, suscitando um intrigante território pictórico repleto de formas pouco definidas, através das quais se entreveem cavalos, figuras ambíguas, cabeças de animais e outras feições que remetem para rostos num momento e no seguinte mostram caveiras. Apesar do motivo festivo, o que chega ao espectador é também da ordem de uma catarse, com formas pouco claras, por vezes obscuras ou do domínio da estranheza. De cores vibrantes e gesto amplo, podendo ter partido da reportagem, as pinturas de Júlio Pomar capturam momentos únicos e irrepetíveis, relevam da aparição de uma imagem (nunca vista, por vezes estranha), mas possivelmente, e talvez por isso mesmo, provocadora, portadora de uma atracção inquietante.

E é a atracção inquietante que podemos referir quando pensamos nas obras de André Romão, Jorge Queiroz e Susanne Thémlytz. Estes artistas, de modo muito particular, elegem diversas tipologias de matérias-primas, numa constante exploração e reflexão sobre o estatuto da figuração e da narrativa na arte, muitas vezes a partir daquilo que as matérias ditam – tintas, tecidos, areias, madeira, vidro, ferro, etc. Como refere André Romão, num dos seus “Poemas Bárbaros”: «ter tudo como possibilidade, / a história como barro e gesso, / e pedra e cimento / ou palavras e tinta e papel, / páginas». Ou, citando Maria Filomena Molder, a propósito do trabalho de Jorge Queiroz, «pintar consiste em manchar uma coisa deste género: pele, tecido, madeira, papel (...) e em voltar a manchar a mancha (também se pode arrastar, riscar, furar, queimar a superfície já ou não manchada, mas a mancha é que manda)».<sup>2</sup> Ainda neste domínio, em que as matérias-primas falam por si, por vezes provocando os seus estragos, a obra de Susanne Thémlytz é soberana. Fazendo corpo com as matérias, parecendo deixar levar-se por elas, aproveitando os seus comportamentos próprios e acasos, a artista parece fazer simbiose com a matéria-prima, tornando-se parte indissociável dela. Assim, na exposição “Em Matérias de Matérias-Primas” pode dizer-se: apresentam-se hipóteses sobre a ideia de acontecimento na arte.

Tal como a série de Pomar não terá tido como objectivo final a “reportagem fidedigna” da ocasião que lhe deu origem, não se deve também esperar que as obras destes três artistas avancem na preposição de um mundo fechado, afecto a normalizações e expectativas convencionadas. Pelo contrário, a disrupção, a surpresa ou perturbação que as obras de André Romão, Jorge Queiroz e Susanne Thémlytz desvelam à nossa frente constituem a própria condição de arte. Interrogam-nos nas incertezas mais profundas de nós mesmos, roçando – diríamos – todas as incertezas existenciais. Provocando temor e atracção, essa

1 Júlio Pomar, “Em Matéria de Matérias-Primas”, in *Autobiografia*. Lisboa: Assírio & Alvim e Sintra Museu de Arte Moderna – Colecção Berardo, 2004, p. 5.

2 Molder, Maria Filomena, “O Caso”, in *O Caso. Jorge Queiroz* (cat.). Lisboa: Galerias Municipais, 2015, p. 15.